

## Entre a cordilheira e o mar: exploração e evangelização jesuítica no Chile

Between the cordillera and the sea: Jesuit exploration and evangelism in Chile

Artur H. F. Barcelos<sup>1</sup>

ahbarcelos@hotmail.com

---

**Resumo.** Este artigo analisa um conjunto de incursões realizadas por missionários da Companhia de Jesus em áreas que hoje compreendem o território chileno, e das quais resultaram diversos escritos que permitem uma aproximação com as práticas de evangelização e exploração territorial levadas a cabo pelos inacianos.

**Palavras-chave:** Chile, jesuítas, missões, índios, textos.

**Abstract.** This article analyzes a series of incursions carried out by Jesuit missionaries in areas that are presently part of the Chilean territory. Several writings that resulted from these incursions provide information on the practices of evangelism and territorial exploration implemented by the Jesuits.

**Key words:** Chile, Jesuits, missions, Indians, texts.

---

<sup>1</sup> Doutor em História das Sociedades Ibéricas e Americanas pelo PPGH-PUCRS; professor do Departamento de História e Geografia da Universidade de Caxias do Sul - UCS.

As terras que hoje compreendem o território chileno foram exploradas em larga escala por missionários da Companhia de Jesus, sobretudo nos séculos XVII e XVIII. Suas atividades deram-se através de missões circulares ou de tentativas de aldeamentos em povoações estáveis. Deste proceder, resultaram diversos escritos, na forma de crônicas, diários, informes e instruções que permitem uma aproximação com as práticas de evangelização e exploração territorial levadas a cabo pelos missionários. A Cordilheira dos Andes, mais do que uma barreira, significou um campo de possibilidades para que alguns jesuítas dessem vazão a suas verves de exploradores. Já o litoral, sobretudo em suas porções meridionais, em que pesem as dificuldades encontradas na navegação do emaranhado de canais dos arquipélagos de Chonos e Guaitecas, foi também percorrido por missionários em busca de almas para conquistar.

O Chile, tal como é conhecido atualmente, destaca-se por uma geografia diversificada, distribuída sobre seus 756.945 km<sup>2</sup>, com 4.265 km de extensão, desde a fronteira com o Peru, ao norte, até o extremo sul. Sua largura não ultrapassa a máxima de 400 km. Os contrastes geográficos atingem seus extremos na marcante diferença entre as áridas regiões do Deserto de Atacama, ao norte, e os glaciares da Patagônia, ao sul. Seu longo e estreito território limita-se com o Oceano Pacífico a oeste e com a Cordilheira dos Andes a leste. Estes elementos geográficos, combinados a uma tenaz resistência indígena, deram ao Chile, desde o início do período colonial, uma condição diferenciada no plano político, fazendo com que fosse considerado como Capitania General subordinada ao Vice-Reino do Peru. Não por acaso, denominava-se “Reino del Chile”, e seu

governador gozava de certa autonomia, sobretudo para os assuntos de guerra e defesa.

Esta condição de relativa autonomia política e militar também se esboçou no plano religioso. Os jesuítas chegaram ao Chile em 1593, e a Companhia de Jesus, instalada na Província Jesuítica do Paraguai em 1607, manteve a área chilena como uma Vice-Província entre 1611 e 1693, quando foi criada a Província Jesuítica do Chile. Mesmo vinculados à Província do Paraguai, os jesuítas do Chile, em geral, atuaram de forma isolada, não havendo projetos integrados. Também no Chile realizaram-se expedições exploratórias. Após o levante indígena de Curalba, em 1598, estabeleceu-se a fronteira sul, no rio Bío Bío, e praticamente toda a Patagônia chilena permaneceu área indígena livre de assentamentos espanhóis estáveis (Bravo, 1994, p. 136-150). As incursões missionárias nas terras indígenas deram-se em função das chamadas “missões circulares” e das tentativas de estabelecer reduções entre os araucanos. Sob esta denominação geral, incluíam-se vários grupos, entre eles os changos, puelches, mapuches e cunas (Marzal, 1994, p. 17). O padre Luis de Valdívía preparara o caminho para os futuros missionários entre 1593 e 1619.

No século XVII, duas missões foram organizadas no Chile: a missão da Araucanía e a missão de Chiloé. A primeira foi iniciada por Luis de Valdívía e teve no padre Diego Rosales seu principal cronista. Em 1653, Rosales celebrou um acordo de paz com os índios araucanos no lago de Nahuel Huapí, mas isto não significou uma ampliação da ação missionária. A missão de Chiloé foi criada em 1613, pelos padres Melchor Venegas e Antonio de Prada, e tinha a cidade de Castro, fundada em 1567, como sede para os missionários. As atividades desenvolviam-se nas ilhas do arquipélago de Chiloé, através de missões circulares. Em geral, os grupos habitantes destas ilhas foram referidos como *chonos*<sup>2</sup>, embora fossem comuns as expressões *chiloanos* e, a partir do século XVIII, *chilotes*, para denominar os ilhéus de Chiloé.

Das diversas explorações realizadas no Chile colonial por missionários jesuítas, destacam-se aquelas de Nicolas Mascardi, Bernardo Havestadt e José García Martí. Mascardi iniciou suas atividades em 1652, na missão da Araucanía, em Buena Esperanza, onde adquiriu conhecimento sobre idiomas araucanos. Em 1661 foi designado para a missão do Chiloé. Intercedendo na libertação de índios que haviam sido capturados por colonos espanhóis em terras do continente, Mascardi ganhou a confiança dos indígenas e pôde incursionar em, novos territórios. Entre os índios cativos estava a filha de um cacique vurilche, de nome Huenguele ou Huageluen

(estrela), capturada em 1649. Foi dela que Mascardi recebeu notícias relativas a “Ciudad de los Césares”, que supostamente estaria localizada próximo ao Estreito de Magalhães. Decidido a encontrar a cidade e atender espiritualmente seus habitantes, Mascardi partiu de Castro em 1669. Nesta expedição às terras continentais, cruzou a Cordilheira dos Andes, tomando a direção do lago Nahuel Huapí, em atual território argentino, onde já estivera antes o padre Diego Rosales em 1653. A entrada em territórios indígenas do continente tornara-se muito arriscada após as incursões de capturas de cativos, chamadas *malocas*, promovidas pelos espanhóis. Como garantia de sua segurança e dos que o acompanhavam, Mascardi enviou três índios “[...] a dar aviso por toda la tierra cómo yo iba ya marchando y traía en mi compañía esa india principal, que llaman la Reina, y todas las piezas que habían cogido en la última maloca” (in Marzal, 1994, p. 42).

Com esta forma de “salvo-conduto”, Mascardi logrou ser recebido pelos índios puelches e poyas do lago Nahuel Huapí. Neste local, estabeleceu a missão de Nuestra Señora de los Poyas del Nahuel Huapí, que passou a ser um centro, ainda que precário, para a evangelização dos grupos locais. De Nuestra Señora, o jesuíta enviava índios para anunciar sua presença e preparar o terreno para suas futuras incursões (in Marzal, 1994, p. 50).

Diversos encontros entre Mascardi e representantes dos grupos que habitavam as margens do lago foram realizados, com as tradicionais promessas de futuras conversões. Mas Mascardi tinha em vista o objetivo de contatar os habitantes da *Ciudad de los Césares* e procurava sinais de sua presença entre os indígenas. Os objetos e adornos de um grupo de caciques poyas que foram encontrá-lo na missão lhe pareceram europeus e, logo, derivados de trocas com espanhóis:

*Estos sólo hallé que tienen alguna comunicación con los españoles perdidos y poblados a la parte del sur, que andamos buscando. Pero ninguno de estos Puelches, ni Poyas comarcanos a esta cordillera jamás ha ido por allá, y es mentira que Curcullar con su hijo hayan estado en ella. Solo es verdad que, varias veces, han visto españoles y negros que han venido de allá, metiéndose en estas pampas. Y no ha mucho que venieron bien cerca de esta laguna tres españoles, cada uno con un negro por su criado, y se volvieron los dos negros, pero el uno partió a la parte del norte y no he sabido adonde ha ido parar. También es verdad que estos Puelches y Poyas participan de muchas alabajas de vasinica y de*

<sup>2</sup>“La población chono es aquella, culturalmente fueguina, que a la llegada de los españoles poblaba las islas y archipiélagos situados al este y al sur de la Isla Grande de Chiloé hasta la Península de Taitao. Algunos piensan que estos grupos habitaban originalmente todo Chiloé, incluso recorrían las costas del Llanquihue y Osorno en sus incursiones maríneas y que fueron desplazadas más al sur con la llegada de poblaciones de tradición mapuche, las que hemos llamado cuncos, huilliches o veliches. Poseían embarcaciones de madera, y sus campamentos estaban constituidos por frágiles chozas de palos y ramas. Su número no debió sobrepasar las 3.000 personas” (Harb, 1998, p. 753-760).

*hierro que viene de esa ciudad, pero las conchaban de esos otros Poyas más cercanos a la ciudad (Marzal, 1994, p. 46-47).*

Mascardi manteve esta busca pelos *Césares* durante todo o tempo em que permaneceu em Nahuel Huapí. Realizou quatro expedições à Patagônia austral, chegando, nas duas primeiras, até as proximidades dos atuais lagos Musters e Colhué Huapí, na Argentina. A terceira viagem, de 1672, o levou até o Cabo Virgenes, percorrendo os rios Negro e Limay. Na última tentativa de chegar até à cidade, foi morto, em dezembro de 1673, em um lugar incerto, que alguns autores localizam na altura dos 47º sul (Furlong, 1963, p. 79-80).

A missão de Nahuel Huapí ficou abandonada por 30 anos, até 1703, quando o padre Philipp Van der Meer, conhecido como padre Laguna, chegou ao lago para retomar a evangelização. Após tantos anos, Laguna enfrentou as mesmas dificuldades que Mascardi para chegar até Nahuel Huapí:

*A 22 de enero salí para Chiloé navegando unas lagunas horribles, no sin riesgo de la vida por ser las embarcaciones de estos indios pequeñas i malas. Anduve las dos montañas a pié, porque no se puede de otra suerte, i que es el camino tan malo que no tengo yo palabras para explicarlo. También se pasa un río caudaloso que se llaman Peulla, sobre piedras agudas; i quizá éste es el mayor trabajo, porque se ha de vadear más de veinte veces, [...] (Olivares, 1874, p. 78).*

Pouco tempo depois, Laguna recebeu a companhia do padre Juan José Guillermo. Juntos, ergueram uma capela e casas para os indígenas cristãos que os acompanhavam. A nova etapa da missão foi efêmera, sendo o padre Laguna morto pelos indígenas em 1707. Guillermo ainda dedicou-se a abrir um caminho terrestre mais favorável ao abastecimento de Nahuel Huapí, chamado *Camino de los vuriloches*, que ele havia percorrido em 1711, a partir de Ralún, e que considerava mais rápido e seguro que o caminho através das lagunas. Porém, também acabou assassinado em 1716, próximo ao rio Limay. No ano seguinte, a missão foi incendiada, ocasião em que também perdeu a vida o padre Francisco de Elguera, que viera substituir Guillermo. Fracassava assim a missão de Nahuel

Huapí e se abandonava em definitivo a evangelização jesuítica nesta região.

As viagens de Mascardi e aquelas realizadas posteriormente por Laguna e Guillermo demonstram que a divisão política colonial não significava um impedimento para que os missionários do Chile ultrapassassem a Cordilheira, entrando em áreas pertencentes, em tese, a *Gobernación* do Rio da Prata. Estes limites eram imprecisos e permaneceram objeto de discussão territorial entre Argentina e Chile ao longo dos séculos XIX e XX.

## Havestadt e as novas travessias

As expedições de Mascardi não se configuraram como “missão circular”, visto que tinham como objetivo o pretendido contato com os espanhóis da *Ciudad de los Césares* e a redução dos grupos indígenas transandinos. Bernardo Havestadt<sup>3</sup>, por outro lado, realizou duas expedições, em 1751 e 1752, com o expresso objetivo de pregar entre os grupos indígenas através de curtas permanências em áreas atribuídas a chefias locais. Ambas as viagens estão registradas em seu diário<sup>4</sup>, acompanhado de um mapa<sup>5</sup>, cuja autoria é atribuída ao próprio Havestadt, e ao qual faz várias referências ao longo de sua narrativa. A primeira viagem iniciou em 29 de outubro de 1751 e finalizou em 1º de janeiro de 1752, partindo e retornando à missão de Santa Fé. O percurso era registrado dia a dia, e Havestadt anotava o total de léguas percorridas. Como apontava as diversas áreas que estavam sob domínio de algum chefe local, ficava claro, à medida que avançava para o sul, a separação entre aqueles já cristianizados, que adotavam nomes espanhóis, e os indígenas ainda não integrados à colonização de forma direta. Havestadt refere-se a uma territorialidade indígena com base em quatro áreas:

*Las tierras de los indios chilenos que están situados más allá del río Bío-Bío, prescindiendo de la Isla de Chiloé y del territorio de Valdivia, se dividen en cuatro Vutan mapu, es decir, vastas y grandes regiones; esto es: Lafquen Vutan mapu, las costas marítimas; Ragitun Vutan mapu, las tierras llanas cercanas a la costa; Ina Pire Vutan mapu, las tierras llanas junto a la cordillera de los Andes, y Pire Vutan mapu, es decir, los mismos Andes.<sup>6</sup>*

<sup>3</sup> Bernardo Havestadt nasceu em Colônia, Alemanha, em 1714. Em 1748, chegou ao Chile para integrar a missão da Araucania, permanecendo até a expulsão de 1767, falecendo em Münster, em 1781.

<sup>4</sup> As viagens de Havestadt estão em seu Diário, que compõe a VII parte de sua obra *Chilidúgu sive res Chilensis vel descriptio status tum naturalis tum civilis, cum moralis Regni populique Chilensis*, publicada em Münster, em 1777. Em 1883, esta obra foi reeditada em Leipzig por Julius Platzmann sob o título de *Chilidúgu sive tractatus linguae chilensis*. Em espanhol, apenas a sétima parte, que compõe o Diário de 1751-1752, foi publicada em San Martín (1991). Uma nova edição crítica apenas do Diário encontra-se em *Diário de la misión entre los indios chilenos*, escrito por el R.P. Bernardo Havestadt, S.J., misionero de la Compañía de Jesús, entre 1751 y primeros meses de 1752 (Matthei e Jeria, 2001, p. 45-74).

<sup>5</sup> *Mappa Geographica exhibens Provincias, Oppida, Sacella quae Mensibus Novembri ac Decembri anni 1751 et Januario Februario et Martio anni 1752 peragravit ad Inodum Chilensium terras excurrrens P. Bernardus Havestadt è Soc. Jesu Missionarius* (Furlong, 1936, p. 77). Conforme Furlong, o mapa é de autoria do Irmão Jerônimo Strübel, embora não dê maiores detalhes sobre a fonte desta informação.

<sup>6</sup> *Diario de la misión entre los indios chilenos*, escrito por el R.P. Bernardo Havestadt, S.J., misionero de la Compañía de Jesús, entre 1751 y primeros meses de 1752 (in Matthei e Jeria, 2001, p. 45).

A organização das missões circulares se dava com base nesta divisão:

*A estas tierras salían cada año los misioneros de la Compañía de Jesús, es decir, dos a las costas marítimas (uno de la casa de la misión de Tucapel, el otro de Arauco); a los llanos contiguos a las costas el misionero de Sta. Juana; a las dos restantes regiones, es decir, a los llanos adyacentes a los Andes y a los mismos Andes, el misionero de la casa de Santa Fe (Matthei e Jeria, 2001, p. 45).*

Havestadt percorreu os chamados Ina Pire Vutan mapu e o Pire Vutan mapu, aos quais aludia estarem representados em seu mapa<sup>7</sup>. Em cada local de parada, reunia os indígenas para celebrar missas e ministrar os sacramentos. Terminados estes trabalhos, seguia em frente, acompanhado de alguns índios que lhe serviam como guias. Como prática recorrente, referida também em outros cronistas da Companhia, procurava demarcar as áreas por onde passava com cruces de madeira. No primeiro ano, “fueron levantados igualmente 30 y más cruces grandes, y en 108 días recorri 462 leguas”. No segundo ano, “fueron erigidas 16 cruces altas. Lo demás lo explicará el mapa geográfico y diario que sigue.”<sup>8</sup> As missões circulares também serviam para identificar locais propícios para estabelecer futuras reduções:

*23 de noviembre: En Coluco: lugar muy apto para fundar allí una misión, ya que hay abundancia de árboles para edificar. [...] 8 de diciembre: En Llamuco: en lo de don Juan Naminahuel. En estos lugares se encuentran muchos habitantes, a causa de la fecundidad de la tierra y la gran cantidad de árboles útiles para la construcción. Sería un lugar muy apropiado para una misión (in Matthei e Jeria, 2001, p. 48-49).*

O diário de Havestadt é essencialmente geográfico. Nele, não se encontram relatos de conversões ou batismos coletivos. Os poucos momentos em que faz referência à ação divina em sua jornada são aqueles em que sua vida esteve em perigo, seja pela dificuldade dos caminhos nas montanhas, seja quando ela foi ameaçada por um índio em 1752. Nem mesmo o Natal de 1751 é destacado no diário. Em 25 de dezembro apenas anota: “25 de diciembre: En Tautaneo, en lo don Luis Cheuquemanque. 4 leguas” (in Matthei e Jeria, 2001, p. 50).

Havestadt não criava novas denominações para os lugares, como havia sido comum nos primeiros anos da conquista. Preferia, ao contrário, utilizar a toponímia indígena:

*31 de diciembre: En Culé, en lo del cacique don Pedro Ptulpi. Apenas salido de allí atravesé el Vibuén, río que según mi opinión es el mismo que más tarde es llamado Minineo. Entre los indios chilenos no es ninguna novedad que el mismo río reciba distintos nombres en diferentes lugares (in Matthei e Jeria, 2001, p. 50).*

A presença de índios que atuavam como guias, garantia o êxito da expedição. E Havestadt admitia a dificuldade de realizar os percursos sem a companhia de indígenas experientes: “El Lolco lo atravesé por un vado muy peligroso, que sin la ayuda de un guía perito no puede ser hallado facilmente” (in Matthei e Jeria, 2001, p. 50). No entanto, isto não garantia que, em certas ocasiões, o missionário não fosse enganado através de informações falsas, como ocorreu com Havestadt ao buscar informações do caminho para cruzar a Cordilheira no sentido leste-oeste. Havia encontrado um soldado espanhol e acreditava que este poderia lhe indicar a rota correta. Mais tarde percebeu que havia sido enganado:

*En primer lugar por mis cuatro indios, pues cansados del viaje y temiendo peligros y pensando sin duda que en sus hogares empezaba ya poco a poco la época de las comilonas y las borracheras, aconsejaron al español para que me persuadiera de volver a casa y para que me ocultar el camino a Chillán; después por el mismo soldado, que deseaba con vehemencia tenernos como compañeros a su vuelta; finalmente por el cacique, que juzgándose muy liberal por motivo de algunos regalitos que le había hecho y pensando aún me quedaba mucho por regalar, me enseñó el camino hacia Longaví, donde tenía un hijo, pensando así en su lucro y en el de su hijo (in Matthei e Jeria, 2001, p. 64).*

Quando retornou para a missão de Santa Fé, em janeiro de 1752, permaneceu poucos dias, dando logo início à segunda expedição, desta vez percorrendo as terras dos pehuelches, no Pire Vutan mapu, e cruzando a cordilheira para o lado oriental, chamado então de Pampas, território dos índios puelches. Nestas áreas, a presença de missionários havia sido efêmera, e Havestadt encontrou maiores dificuldades entre os pehuelches para explicar as finalidades de sua passagem por suas terras: “Uno me llamaba ‘Señor Capitán’, el otro me decía ‘Señor Huinca’, pero ninguno me llamaba, como suelen los indios, ‘Patiru’, porque en este lugar los Padres Misioneros eran seres desconocidos para mayor parte de ellos” (in Matthei e Jeria, 2001, p. 55).

<sup>7</sup>En el mapa geográfico solo se pueden ver estas últimas provincias, que comencé a recorrer los últimos meses del año de 1751 y seguí en el siguiente año de 1752” (in Matthei e Jeria, 2001, p. 46).

<sup>8</sup> Uma légua equivale a 5.566 m; uma milha a 1.833 m. Como Havestadt afirma que cada légua sua equivalia a 3 milhas, então sua légua era de 5.499 m.



Nesta segunda expedição, Havestadt pretendia chegar até Mendoza, transpondo a Cordilheira. Isto significava cruzar o território dos pehuelches. Mas não foi possível chegar a um acordo neste sentido, e o jesuíta teve seu caminho cortado, pois os indígenas desconfiaram de suas intenções e buscaram obstaculizar sua passagem:

*También me preguntaban: A que viniste? Y de inmediato decía otro: Viene a explorarnos, para examinar nuestras cosas; es un mensajero de nuestros enemigos. A otros no les creen, pero este le creen y tienen por cierto todo lo que les cuente de nosotros. Al oír que yo quería viajar a Mendoza, querían que les comprara la licencia de pasar por sus tierras. [...] 18 de febrero: Calculando que ellos se pondrían más duros si les seguía discutiendo, les envié un mensajero para darles a entender que para librarme a mí y a mis acompañantes de molestias, estaba dispuesto a pagarles el precio justo por la licencia de pasar a Mendoza y que me dijeran cuánto tenía que pagarles. Dijeron que les pagara con el mulo aquel, que por sus cascos desgastados ya no me servía (in Matthei e Jeria, 2001, p. 58).*

A cobrança de um “tributo” por parte dos pehuelches demonstra seu controle sobre o território, onde a presença espanhola era praticamente nula. Mesmo entregando o animal, Havestadt foi impedido de passar, e os índios lhe tomaram ainda seis mulas mais. Sem opção, Havestadt acabou dando volta pelo mesmo caminho, desviando-se rumo ao Chile. Poucos dias depois, teve a oportunidade de acompanhar uma cerimônia de enterramento. Descreveu o cortejo e o ritual realizado no local do sepultamento. Através de Havestadt, percebe-se a importância que os cavalos adquiriram para estes indígenas. Suas cerimoniais de enterramentos pressupunham a ingestão dos órgãos internos destes animais, que posteriormente eram preenchidos com palha e colocados em pé sobre suportes de madeira:

*24 de febrero: Asistimos al entierro del hermano del cacique Huenchunamcu. El cortejo fúnebre era el siguiente: precedía un jinete que conducía con un lazo el caballo sobre el cual yacía, boca arriba el cadáver, vestido de poncho y con su tarilonco atado alrededor de la cabeza; sobre el vientre llevaba un gorro grande de cuero, adornado con cobre rojizo. Seguía otro jinete, con otro caballo enjaezado, que era el caballo que montaba el difunto cuando estaba vivo. Cerraba el cortejo un tercer jinete que llevaba un cordero. La*

*restante multitud de hombres y mujeres ya se había dirigido al lugar de la sepultura por otro camino más breve. Allí sacrificaron tanto el caballo como el cordero; lo mismo hicieron con dos yeguas, destinadas a los que habían acudido al funeral. Se distribuyó la carne, sebo y los intestinos entre los presentes, junto a una liberal cantidad de bebida. La piel de aquellos caballos y yeguas, unida todavía a sus respectivas cabezas y patas, se puso de tal manera sobre armazones que mirados de lejos parecían aún estar vivos y parados en sus patas (in Matthei e Jeria, 2001, p. 62).*

Seis anos antes destes acontecimentos, em 1746, os padres Matias Strobel, José Quiroga e José Cardiel encontravam-se na costa atlântica da Patagônia em uma expedição exploratória. O padre Cardiel, ao percorrer as terras da Baía de San Julian, deparou-se com um enterramento indígena, ao qual descreveu de forma pormenorizada:

*[...] proseguieron su viaje, y a distancia de una legua de la dormida, dieron con una casa, que por un lado tenía seis banderas de pano de varios colores, de media vara en cuadro, en unos palos altos, clavados en tierra, y por el otro lado cinco caballos muertos, embutidos en paja, con sus clines y cola, clavados cada uno sobre tres palos en altura competente. Entrando en la casa, hallaron dos ponchos tendidos, y cavando encontraron con tres difuntos, que todavía tenían carne y cabello. El uno parecía varón, y los otros mujeres; en el cabello de una de éstas había una plancha de latón de media cuarta de largo, y dos dedos de ancho, y en las orejas, zarcillos de lo mismo. En lo alto de la casa había otro poncho revuelto, y atado con una faja e lana de colores, y de ella salía un palo largo como veleta, de que pendían ocho borlas largas de lana amusca (Lozano, 1936, p. 16-17).<sup>9</sup>*

Com base nestas evidências, Cardiel e seus companheiros concluíram que se tratava de um enterramento de índios puelches. Em vários aspectos, este enterramento se assemelha àquele descrito por Havestadt, o que concorda com a grande territorialidade da cultura puelche, que se estendia de um lado ao outro da cordilheira, chegando até a costa atlântica.

Mesmo não completando o roteiro ao qual se propusera ao iniciar sua expedição de 1752, Havestadt acreditava ter aberto uma rota que poderia ser utilizada no futuro por seus companheiros de ordem. Somadas ao mapa

<sup>9</sup> O relato original de José Quiroga encontra-se em Relación Diaria que hace al Rey nuestro Señor, que Dios guarde, el Pe. Joseph Quiroga de la Compañía de Jesús de el viaje, que hizo de orden de su Magestad a la costa de los Patagones en el Navío San Antonio, mandado por Don Joaquín de Olivares, que salió de el Río de la Plata siendo Gobernador y Capitán General de esta Provincia Don Joseph de Andonaegui. Año de 1745 (AGI, 1867, arq. 302). Aqui, utilizo a versão publicada em Lozano (1936).

que acompanhava o diário, as informações continham não apenas as principais rotas, mas também a forma de proceder:

*Si, por consiguiente, alguno de los PP. misioneros quiere visitar estos pueblos, con la finalidad de la salvación eterna de tantas almas y de la suya propia, confiando en Dios todopoderoso, entré primero por el camino ya descrito de Chillán hasta acá. No dudé del fruto de su trabajo, ante todo si los indios fueren avisados a tiempo por sus capitanes de la venida del P. misionero. Llegado a este punto puede, si quiere, seguir viaje a oriente. Tiene aquí lugares señalados, ante todo si consulta el mapa geográfico, y puede llegar hasta los puelches o hasta Mendoza. Si prefiere, puede tomar la mano derecha, para dirigirse al sur, puede ir por Dabuehue, etc. y salir finalmente por el Volcán de la Laja o por Duquenco. Si toma el camino de la izquierda y sale por Longaví o por el río Maule, estará en la ruta que en parte ya hemos descrito y en parte vamos a describir (in Lozano, 1936, p. 16-17).*

Este diário, sobretudo no tocante à expedição de 1752, forma a primeira descrição pormenorizada da atual província argentina de Néuquen. Ao longo de sua narrativa, Havestadt destaca suas observações das atividades dos vulcões Antuco e Tromen. Utiliza uma toponímia antiga, o que dificulta a identificação de alguns rios e montes. Porém, de forma geral, seu roteiro permite verificar as rotas principais utilizadas por índios e espanhóis para cruzar a Cordilheira. Para realizar tão longa jornada, foi preciso também compreender os mecanismos internos de funcionamento da sociedade pehuenche e sua territorialidade:

*Tampoco se honran mutuamente con el nombre de “coterráneos”, sino solamente con el de “nimolvún” que significa “de mi sangre”, es decir, indica consanguinidad, estirpe, conexión familiar o también se dicen “ni cachu”, que significa “el que bebe conmigo, mi amigo”. Por eso nadie se atreve a salir solo fuera de los límites de su pequeño territorio, ni se aleja fácilmente o muy lejos de sus consanguíneos (in Lozano, 1936, p. 70).*

Havestadt permaneceu ainda por mais 15 anos entre os indígenas do Chile e chegou a ser considerado um excelente conhecedor dos idiomas locais. Seu relato das incursões realizadas na Cordilheira demonstra os limites da ação missionária no Chile, onde as missões circulares foram a única forma de manter um contato, ainda que temporário, com indígenas de diferentes par-

cialidades. Efetivamente, durante todo o período em que permaneceram em terras chilenas, com algumas poucas exceções, os jesuítas não chegaram a concretizar o projeto de congregação em povoados estáveis. Havestadt, com uma franqueza pouco comum entre os missionários jesuítas, reconhece que estas dificuldades acabavam por desestimular a continuidade da conversão no Chile: “Todo lo que he dicho de las bondades de este reino es verdadero; sin embargo, siento que ni por nada del mundo iría por segunda vez a Chile; pero por amor a dios, y solo por él, siempre estoy dispuesto a ir” (in Matthei e Jeria, 2001, p. 73).

## José García e as ilhas meridionias

Se a evangelização nas porções continentais do Chile apresentava resultados limitados, o mesmo pôde ser verificado nos arquipélagos meridionais de Chiloé, Chonos e Guaitecas. O primeiro é composto pela *Isla Grande de Chiloé* e outras menores como Cailín, Chaulinec e Alao. Os dois últimos, localizados ao sul de Chiloé, compreendem mais de duas mil ilhas e ilhotas situadas entre os 44º e 47º sul. Para alcançar as ilhas de Chonos e Guaitecas, os jesuítas partiam de Chiloé. Os contatos com as populações locais sempre foram esporádicos e renderam poucas conversões.<sup>10</sup> A dificuldade de estabelecer assentamentos fixos nestas localidades distantes fazia com que os jesuítas optassem por deslocar os índios para ilhas mais próximas a Chiloé. Desde 1710, iniciaram algumas transferências de chonos das terras continentais contíguas aos arquipélagos para as ilhas desertas de Chaulinec e Atao. Conhecedores dos canais existentes entre as centenas de ilhas austrais, os chonos converteram-se em guias para as expedições de jesuítas. Outro grupo meridional do qual se transladaram algumas famílias foram os caucahues. Originalmente, habitavam a costa, na região do Golfo de Penas. Em 1743, caucahues foram levados pelos jesuítas para a ilha de Cailín, também no arquipélago de Chiloé.

Em Cailín, instalou-se uma missão da qual partiam canoas para ilhas de Chonos e Guaitecas. É neste contexto que se desenvolve a expedição do padre José García Martí.<sup>11</sup> Esta viagem foi realizada entre outubro de 1766 e janeiro de 1767, e José García registrou seu trajeto em um diário (García, 1889, p. 3-42). Através dele, sabe-se que intenção do jesuíta era recolher alguns indígenas para conduzir a missão de Cailín, cujo objetivo era: “[...] no solo para el cultivo espiritual de los neófitos

<sup>10</sup> De maneira geral, estes grupos também são reunidos sob a denominação de chonos, embora compreendam vários grupos, como os caucahues, calen, etc.

<sup>11</sup> Em algumas fontes, seu nome é indicado como José García Alsué.

que viven en la isla, sino también para procurar la conversión de los jentiles que viven mas hacia el sur i estrecho de Magallanes [...]” (García, 1889, p. 3-42). De Cailín partiram índios chonos canoeiros, que retornaram acompanhados de alguns caucahues do Golfo de Penas. Estas notícias animaram os jesuítas a tentar contatos diretos com os ilhéus dos arquipélagos. Autorizado pelo então Governador do Chile, Antonio de Guill Gonzaga, o padre José García foi destinado para esta tarefa. Em 23 de outubro de 1766, partiu acompanhado de 34 índios caucahues e cinco espanhóis, distribuídos em cinco piráguas. Iniciava-se um percurso que duraria três meses.

Atravessando o Golfo de Corcovado, as embarcações aportaram em Lacchilu, já no arquipélago de Guaitecas. Neste local “las caucahues cojieron gran porción de huevos de pájaros llamados colmanes, de buen gusto i del tamaño del huevo de pavo” (García, 1889, p. 3-42).<sup>12</sup> José García apresenta uma minuciosa descrição dos hábitos caucahues. Chamavam-lhe atenção os métodos de caça, obviamente importantes para o tipo de deslocamento que realizavam. Ao se aproximarem de alguns rochedos repletos de lobos marinhos, os indígenas aproveitaram para abastecer-se e

*[...] con inexplicable gusto enderezaron la proa para la lobería i desarbolando la piragua con mucho silencio i con suave rema se fueron acercando, i a distancia de casi una cuadra pararon, i desnudos algunos caucahues, se previnieron de lazo i un palo macizo como de ocho a nueve palmos de largo, que aseguraron al cuello para que no les embarazase el poder nadar, i luego poco a poco se descolgaron al mar i nadando tiraron hacia los lobos; i aunque éstos los veían no se espantaban, teniéndolos por lobos i de su misma especie; al llegar a la orilla se repartieron, i saliendo cada uno por su parte, enarbolaron el palo i acometieron a los lobos: lograron matar once, i algunos como terneros (García, 1889, p. 6).*

No início do mês de novembro, a expedição já se encontrava no Canal Moraleda, situado entre as ilhas de Chonos e as ilhas e terras da costa meridional. Avançando sempre por este canal, José García observou que se aproximava de um ponto sobre o qual havia imprecisões geográficas. A dúvida que perdurava era relativa à ligação entre os canais interiores e o Golfo de Guayneco, atual Golfo de Penas. Sobre esta questão, José Garcia observava

que “[...] los más prácticos dicen que a no ser canal, ha de ser cortísimo el tramo intermedio de tierra i fácil para tirar las piraguas. También se sabe que desagua río por la parte del sur i puede ser desague de la laguna en que acaba Aua [como denominava o canal]. Esto se debe averiguar para obviar el desecho de Ofqui” (García, 1889, p. 12). José García logo teria a oportunidade de verificar pessoalmente esta possibilidade.

No dia 10 chegaram à laguna que se encontra na extremidade sul dos canais interiores, chamada Laguna San Rafael. Nela, José García pôde visualizar os blocos de gelo desprendidos de um braço do Campo de Gelo San Valentín, que desemboca na laguna. No dia seguinte, montaram um acampamento na margem ocidental da laguna, ao qual José García denominou Nuestra Señora de Mercedes. Encontravam-se sobre o Istmo de Ofqui, que o jesuíta pretendia atravessar, levando por terra três piráguas, para seguir a navegação por mar. Tardaram cinco dias para atravessar as piráguas e alcançar o Rio Lucas, também chamado de Lucac (atual San Tadeo). Somente no dia 22 iniciaram a decida do rio, às margens do qual José García realizou uma missa e, simbolicamente, tomou posse “[...] de tanta jentilidad como hai hacia el sur” (García, 1889, p. 20).

Vencida a barra do Rio Lucas, a expedição, agora com apenas três piráguas, seguiu pela costa do Golfo San Sebastian, tomando o rumo sul. Em várias paradas, José García providenciava para que fosse erguida uma cruz, como marco de sua passagem. Passado um mês e meio de viagem, foram avistados os primeiros sinais de presença dos indígenas locais, na forma de tendas feitas de ramos e galhos, além de ossos de lobos marinhos. Neste ponto, encontravam-se na extremidade norte do Canal Mesier, que atravessa todo o conjunto de ilhas ao sul dos 47°. Novamente, José Garcia refletiu sobre a geografia local, imaginando a possibilidade de uma ligação com o oceano Atlântico e a Baía de San Julian:

*Poco mas adelante hallamos otras tres ramaditas en la boca i punta del norte del estero Mesier, famoso entre los indios, por no haberle hallado fin; tira al este, i se juzga cruce la cordillera, que por aquí es baja i quebrada; digna cosa de averiguarse allí por ver si es canal que cruce al mar del norte [Atlântico] o alguna laguna, como por las muchas almas que se pueden lograr, i quizás puede comunicarse con la bahía San Julian, pues dicho estero está en la altura austral de 48 grados (García, 1889, p. 24).*

<sup>12</sup> Ao longo do diário, José García relata suas fontes de alimentação, as quais deveriam ser as mesmas dos caucahues que o acompanhavam. Em geral, alimentavam-se de ovos, pássaros, lobos marinhos e uma grande variedade de mariscos.

Tomaram o rumo oeste, passando ao norte da ilha Wager e chegando à Ilha Byron, que José García denomina de Acanzcan. No dia 17 de dezembro, em uma pequena ilha da face sul do Golfo de Penas, que José García denomina Camelau, encontraram finalmente uma família de caucahues composta de quatro indivíduos. Por casualidade, o chefe da pequena família era filho de um índio que acompanhava José García e já havia estado na missão de Cailín. García fez uma detalhada descrição das tendas, alimentos e ritos espirituais dos caucahues que pôde presenciar nesta ocasião (García, 1889, p. 28 -29).

Em outra tenda, encontraram mais nove indígenas de um grupo que García denominou como *taijataf*. Após mais de dois meses de viagem, José García lograva reunir apenas treze indígenas, os quais foram convidados a seguir até a missão de Cailín. Antes de partir, o padre entregou “[...] el bastón de embajador con la laminita de San Javier al taijataf Antonio Chaya, para que fuese a su tierra, i en mi nombre juntase la gente de su nación que quisiese ir a mi misión i con ella me esperase el siguiente año, que de Cailín saldríamos a buscarlos” (García, 1889, p. 31).

Repetia, assim, a prática comum entre os jesuítas em suas atividades de expansão da ação missionária. Muitos êxitos tão celebrados por jesuítas em seus escritos, dando notícias sobre novas conversões, só foram possíveis pela participação ativa destes intermediários locais. No caso de José García, os poucos indígenas que conseguiu reunir relataram que haveria mais pessoas dispostas a acompanhá-lo se ele não houvesse tardado tanto em chegar àquelas ilhas.

Estes *embajadores* formavam redes de informações que podiam ser utilizadas pelos jesuítas para suas projeções sobre futuras entradas evangelizadoras. Mesmo não travando um contato direto com as populações das quais recebia notícias, José García podia acrescentar em seu diário a localização aproximada e as características dos grupos que imaginava converter. Da mesma forma, pensava encontrar sinais da presença de brancos, possivelmente situados em latitudes mais ao Sul do ponto onde se encontrava:

*De esta nación Calén hai en estas islas al rededor de Guayneco una familia llamada Jorjuip, que consta de cuarenta i siete personas que ya están en mi misión; lo demás de la nación vive en la costa de la cordillera, entre 48 i 49 grados de altura austral, i por esta altura pocos mas minutos entra al este el estero o canal llamado Calén, por donde se comunica la nación con los lecheyles, nación dócil; entre esta nación tiene nombre el caballo, la medalla y otras cosas propias de españoles; lo cierto es que si hai españoles perdidos, lo mas verosímil es que por aquí andan sus descendientes, i a mi juicio, el estero de Calén comunica con el estrecho*

*de Magallanes. La nación Tayatafar, que vive entre 48 i 49 grados de altura por el archipelago que se avanza por la travesía al sudeste i se comunica con los requinaqueres, dice que hai por allí cerca una isla llamada Anafur, que quiere decir isla de la gente perdida, i que tiene mucha gente; quizás pueden ser descendientes de náufragos (García, 1889, p. 32-33).*

García não ultrapassou os 48° de latitude sul em sua expedição, e as referências aos grupos indígenas bem como à possível presença de brancos provinham de informações indiretas, repassadas pelos grupos das ilhas e costas austrais. Nenhum outro grupo indígena foi contatado novamente no trajeto de retorno ao Golfo de Penas, o qual tardou mais de 15 dias até alcançar a barra do Rio Lucas. García optou por deixar as três piráguas nas margens do rio “[...] volviéndolas boca abajo, para que no se maltratasen en el invierno i serviesen el siguiente año” (García, 1889, p. 36).

Após cruzar o Istmo de Ofqui, agora em sentido contrário, o missionário, os soldados e os índios embarcaram na pirágua Nuestra Señora de Desamparados e deram início ao retorno para Cailín, aonde chegaram em 30 de janeiro de 1767. García acrescentou em seu diário um balanço da expedição:

*Ya el terreno está descubierto, la cosecha de almas en sazón; pues solo a la voz de que iba el misionero se juntaron muchas jentes, que al llegar pocos días antes se hubieran logrado, pues quieren ser cristianos; no tiene esta jente familias, ni bebidas con que embriagarse, obstáculo tan pernicioso en las misiones de Chile; no sé que tengan mas de una mujer, i son tan dóciles que en dándoles de comer, todo se consigue; oh! quiera el cielo concedernos proporcionados medios para conquistar a Cristo estas naciones. Si hai españoles perdidos por el estrecho magallánico, este es el seguro medio de saberse (García, 1889, p. 42).*

Uma visão otimista da continuidade de uma ação evangelizadora nos arquipélagos meridionais, a qual foi obliterada pelo Real Decreto de Carlos III, de 27 de fevereiro de 1767, expulsando os jesuítas dos domínios da Espanha. Contudo, José García não era o único a estar otimista naquele ano de 1767. Nas matas da Bolívia, o padre José Sánchez Labrador também acabava de concretizar outra expedição em nome da evangelização indígena. Partindo da redução de Nuestra Señora de Belén, de índios mbayas, em 9 de dezembro de 1766, Labrador e um grupo de mbaya levaram aproximadamente um mês para alcançar a redução de Sagrado Corazón de Jesús, já em território de índios chiquitos. Apenas um ano antes,



em 20 de fevereiro de 1766, Wenceslao Linck, missionário na Baixa Califórnia, realizou uma viagem de exploração no sentido Sul-Norte. Em dois meses, percorreu boa parte do território, contribuindo para esclarecer algumas incertezas das porções setentrionais da península. Os relatos dos indígenas sobre os contatos com populações das margens do Rio Colorado permitiram encerrar a questão da peninsularidade da Califórnia. Assim, alheios às polêmicas que levariam à sua expulsão em 1767, estes missionários ainda investiam na expansão de suas áreas de atividades.

Percorrendo as florestas tropicais da Amazônia, o golfo e a Península da Califórnia, as amplas paisagens da Patagônia e da cordilheira dos Andes, as ilhas meridionais do litoral chileno e as matas e campos que circundam a bacia hidrográfica do Rio da Prata, além de

outras áreas da América espanhola e portuguesa, os missionários da Companhia de Jesus realizaram uma autêntica conquista territorial, *pari passu* com suas atividades evangelizadoras. No caso chileno, como nos demais, suas expedições acabaram contribuindo para o reconhecimento inicial de regiões aonde os colonos e militares espanhóis chegariam, em alguns casos, apenas décadas após a passagem dos missionários jesuítas. Os mapas jesuíticos, ainda que escassos no caso do Chile, ainda são algumas das melhores fontes cartográficas para a região no tocante aos séculos XVII e XVIII. E, finalmente, as informações etnográficas levantadas sobre os grupos tehuelches, mapuches, poyas e chonos, entre outros, constituem importantes conjuntos de informações sobre os idiomas, costumes, espiritualidade e outras práticas sociais dos grupos indígenas do Chile colonial.



238 **Figura 1.** Mapa Archipelago de Chiloe, de Alonso de Ovalle, 1643.  
 Fonte: OVALLE, A. de. *Historica relacion del Reyno de Chile y de las misiones y ministerios que exercita en el la Compañía de Jesus*. Roma, Francesco Cavalli, 1646.



**Figura 2.** Mappa Geographica exhibens Provincias, Oppida, Sacella &c. quea Mensibus Novembri ac Decembri anni 1751 et Januario Februario et Martio anni 1752 peragravit ad Indorum Chilensium terras excurrens P. Bernardus Havestadt è Soc. Jesu Misionarius. Bernardo Havestadt – 1752.  
 Fonte: FURLONG, G. *Cartografia jesuítica del Río de la Plata*. Buenos Aires, Facultad de Filosofia y Letras, 1936, Lâmina XXII, n. de Catálogo 52, p.77.



Figura 3. Arquipélagos meridionais chilenos – Chiloe, Chonos e Guaitecas.



Figura 4. Possível roteiro do Padre José García, em 1766, com base em seu diário.

## Referências

- BRAVO, G. 1994. Las misiones en el Reino de Chile. In: *Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missionários*, Santa Rosa, Unijuí, p. 136-150.
- FURLONG, G. 1936. *Cartografía jesuítica del Río de la Plata*. Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, 278 p.
- FURLONG, G. 1963. *Nicolas Mascardi y su Carta – Relación (1670)*. Buenos Aires, Ed. Teoría, 132 p.
- GARCÍA, J. 1889. *Diario del viaje i navegación hechos por el padre José García de la Compañía de Jesus desde su misión de Cailin, en Chiloe, hacia el sur en los años 1766 y 1767*. Anuario Hidrográfico de la Marina de Chile. Valparaíso, Instituto Hidrográfico de la Armada de Chile, vol. 14, p. 3-42.
- HARB D., Z.; LLOP ROMERO, E. e MORENO SALINAS, R. 1998. Poblaciones costeras de Chile: marcadores genéticos en cuatro localidades. *Rev. Méd. Chile*, 126(7):753-760.
- LOZANO, P. 1936. Diario de un viaje a la costa de la mar magallánica en 1745, desde Buenos Aires hasta el Estrecho de Magallanes. Formado sobre las observaciones de los PP. Cardiel y Quiroga. In: P. DE ANGELIS, *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Río de la Plata*, Buenos Aires, Imprenta del Estado, 28 p.
- MARZAL, M. M. 1994. *La utopía posible: indios y jesuitas en la América Colonial*. Lima, Fondo Editorial, tomo II, 826 p.
- MATTHEI, M., O.S.B. e JERIA, R.M. 2001. *Cartas e informes de misioneros jesuitas extranjeros en Hispanoamérica: Quinta Parte (1751-1778)*. Anales de la Facultad de Teología, vol. LII, Santiago, Pontificia Universidad Católica de Chile, 363 p.
- OLIVARES, M. de. 1874. *Historia de la Compañía de Jesús en Chile (1593-1736)*. Colección de Historiadores de Chile y de documentos relativos a la Historia Nacional. Santiago, Imprenta Andrés Bello, tomo VII, 312 p.
- OVALLE, A. de. 1646. *Historica relacion del Reyno de Chile y de las misiones y ministerios que exercita en el la Compañía de Jesus*. Roma, Francesco Cavalli, 445 p.
- SAN MARTIN, F. 1991. *Neuquén*. Neuquén, Fondo Editorial Neuquino, 213 p.

Submetido em: 21/05/2007

Aceito em: 18/06/2007

Artur H. F. Barcelos  
 Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130, 95070-560  
 Caxias do Sul, RS, Brasil